



Análise de princípios e práticas do Design Participativo em uma coleção experimental de moda em direção à sustentabilidade

Analysis of principles and practices of Participatory Design in na experi- mental fashion collection towards sustainability

Luís Fernando Pereira Tavares da Silva¹, Raquel Gomes Noronha²

¹Universidade Federal do Maranhão, Bacharel em Design, persinando97@gmail.com

²Universidade Federal do Maranhão, Doutora em ciências Sociais, raquelnoronha79@gmail.com

Resumo. Este artigo tem por objetivo analisar como práticas fundamentadas no Design Participativo podem promover a sustentabilidade na moda por meio da cocriação de uma coleção experimental. Parte-se da premissa de que práticas colaborativas no design podem ser adotadas como abordagens centrais para favorecer a inclusão de diferentes saberes no processo criativo, ampliando a inovação, a autonomia e a responsabilidade socioambiental. A metodologia baseia-se na análise de princípios e práticas do design participativo observadas durante a construção da coleção, com categorias de análise elaboradas a partir de obras de autores que dialogam com moda, consumo e sustentabilidade. Como resultados, apresentamos uma articulação entre conceitos e práticas identificadas no desenvolvimento da coleção. Os achados reforçam o potencial do design participativo como estratégia integradora de múltiplos conhecimentos e como caminho para estimular soluções sustentáveis no setor da moda, contribuindo para uma atuação mais consciente, inclusiva e alinhada a demandas socioambientais contemporâneas.

Palavras-chave. Moda; Consumo; Sustentabilidade; Design Participativo.

Abstract. This article aims to analyze how practices based on Participatory Design can promote sustainability in fashion through the co-creation of an experimental collection. It is based on the premise that collaborative approaches in design can serve as central strategies to foster the inclusion of diverse knowledge in the creative process, enhancing innovation, autonomy, and socio-environmental responsibility. The methodology is based on the analysis of participatory design principles and practices observed during the development of the collection, using analytical categories drawn from authors who address



fashion, consumption, and sustainability. As results, we present an articulation between theoretical concepts and practices identified throughout the collaborative process. The findings highlight the potential of participatory design as an integrative strategy for multiple forms of knowledge and as a pathway to encourage sustainable solutions in the fashion sector, contributing to a more conscious, inclusive, and socio-environmentally aligned approach to contemporary challenges.

Keywords: Fashion; Consumption; Sustainability; Participatory Design.

1. Introdução

A moda, por sua natureza efêmera e simbólica, passou a refletir os excessos do consumo acelerado, gerando impactos ambientais e sociais significativos. Diante disso, o design de moda assume um papel crucial na busca por soluções mais sustentáveis, especialmente quando adota práticas participativas que promovem diálogo e cocriação. O estudo tem como objetivo analisar categorias e princípios do Design Participativo e inferir as suas contribuições para a construção e disseminação de conhecimentos na moda e sustentabilidade, a partir de uma experiência prática com a coleção colaborativa “Digitais”, desenvolvida com tingimentos naturais e metodologia ativa. A iniciativa envolveu diferentes agentes — como estudantes, professores e membros da comunidade — e funcionou como espaço de aprendizado e reflexão sobre moda e sustentabilidade.

Nesse contexto, torna-se relevante analisar os processos de sustentabilidade em articulação com o design participativo, uma vez que essa convergência tem o potencial de ampliar o impacto das ações sustentáveis. O encontro entre essas duas dimensões favorece o surgimento de uma sustentabilidade que impulsiona a transformação — aquela que se apoia na cocriação, na valorização dos saberes locais e na transformação coletiva, promovendo mudanças não apenas materiais, mas também culturais e sistêmicas.

Para isso, o texto propõe um recorte analítico do processo criativo da coleção, fundamentada em categorias conceituais extraídas de autores que discutem práticas colaborativas, sustentáveis e transformadoras no design. As categorias analisadas são:

- Princípios do Design Participativo encontrada em Paizan; Mellar (2011);
- Práticas do Design Participativo encontrada em Spinuzzi (2005);
- Práticas Sustentáveis no Design de Moda encontrada em Fletcher e Grose (2011);
- Sustentabilidade e Inovação identificada Berlim (2009);
- Transformação Sistêmica por Meio do Design identificada em Manzini (2023);
- Perspectivas Locais e Comunidades no Design Participativo encontrada em Light e Akama (2012); Pisetta e Junior (2024); Manzini (2023); Miranda, Santos e Noronha (2019).



O artigo¹ está estruturado a partir de uma revisão na literatura sobre a relação entre moda, consumo, sustentabilidade e design participativo, seguida da descrição do experimento e da análise das práticas desenvolvidas durante o processo, favorecida pelo método de triangulação. Ao final, são apresentadas reflexões sobre os efeitos dessa abordagem colaborativa, seus desafios e seus desdobramentos possíveis para o ensino, a prática e o pensamento do design de moda.

2. Moda

A moda apresenta diversas definições, o que dificulta sua compreensão única. Essa complexidade decorre de seu caráter ambíguo e inconstante, manifestado na expressão da individualidade e na imposição de padrões estéticos e comportamentais (Lipovetsky, 2009). Por isso, é crucial aprofundar seu entendimento por meio de estudos acadêmicos.

Cidreira (2006) define a moda como uma tendência passageira que regula objetos e modos de viver, com raízes no latim *modus*, que denota a maneira de ser e agir. Braga (2005) a enxerga como um reflexo de uma época, fundamental para a compreensão da história, dos costumes e da mente humana. Para Godart (2010), a moda é uma manifestação artística que impulsiona a indústria cultural e criativa, onde cada objeto produzido carrega múltiplos significados. Contudo, a moda se destaca na indústria do vestuário, luxo e beleza.

A moda, segundo Calanca (2008, p. 11-12), estabelece "o comportamento [...] de uma comunidade, de um grupo social, remete ao conceito de sistema, de estrutura". Nesse sentido, ela não é apenas um reflexo do contexto social e cultural, mas um sistema interconectado que direciona práticas e atitudes.

Nos últimos anos, o consumo de moda tem se tornado um fenômeno problemático. Transcende seu papel estético e configura-se como motor de desejos e necessidades moldados por uma lógica de mercado insustentável. Simultaneamente, está intimamente ligada à construção de identidade, status e pertencimento, funcionando como linguagem simbólica e cultural do consumo. Contudo, os impactos sociais e ambientais dessa indústria — como a obsolescência programada, a exploração de trabalho e o desperdício de materiais — evidenciam seus dilemas. Assim, a moda apresenta-se como um fenômeno multifacetado que demanda reflexão e aponta para a urgência de alternativas sustentáveis, tema a ser aprofundado nas próximas sessões.

3. Consumo

O consumo é essencial à sobrevivência humana, atendendo a necessidades básicas como alimentação, saúde, vestuário e transporte. Contudo, na contemporaneidade, ultrapassa essas funções, associando-se à identidade, status e desejos. Bauman (2008)

¹Este artigo traz reflexões do TCC apresentado como requisito para conclusão de bacharelado em Design, defendido pelo primeiro autor em janeiro de 2024.



destaca o consumo como condição permanente na sociedade moderna, guiado por desejos renováveis e pela lógica mercadológica.

Hoje, o consumo vai além da satisfação de necessidades, construindo significados e valores. Barbosa e Campbell (2006) apontam-no como fenômeno sociocultural onde produtos simbolizam status e identidade. Baudrillard (1995) reforça essa visão, conectando o consumo à apropriação simbólica de bens para afirmação pessoal.

Além disso, na era do consumismo, o consumo tornou-se mais efêmero. Bauman (2008) destaca que a sociedade contemporânea valoriza o descartável, com foco crescente na obsolescência programada e busca incessante por novidades, alimentando um ciclo de consumo acelerado e transitório. A experiência do consumo, mais que a aquisição de bens, tornou-se central nas dinâmicas sociais de consumo.

3.1 O Consumo de Moda e suas Consequências

Nesse contexto de consumo desenfreado, a moda emergiu não só como expressão estética, mas como fenômeno impulsionado pelo *fast fashion*. A produção acelerada de novas coleções gera um ciclo contínuo de compra e descarte, tornando produtos rapidamente obsoletos. Esse modelo, apontado por autores como Weetman (2019), Fletcher e Grose (2011), alimenta a insatisfação do consumidor, estimulando a substituição constante. Isso acarreta aumento significativo no uso de recursos e geração de resíduos, agravando impactos ambientais e sociais. Cietta (2010) e Carvalhal (2016) destacam que esse processo exige exploração intensiva de água, energia e materiais, intensificando poluentes e degradação ambiental.

Cietta (2010) observa que o ciclo de vida dos produtos de moda tornou-se cada vez mais curto, exigindo das marcas a constante criação de novos produtos. Manzini e Vezzoli (2016) descrevem esse ciclo como processo que envolve recursos naturais, energia e emissões poluentes, da produção ao descarte. A indústria da moda, uma das maiores poluidoras, é responsável por consumo excessivo de água e energia, além de sérios danos ao solo, água e ar (Carvalhal, 2016).

Tacchizawa e Andrade (2021) destacam os resíduos químicos liberados pelas roupas, especialmente as de tecidos sintéticos, contribuindo significativamente para a poluição ambiental. A ONU News (2023) aponta a moda como responsável por até 8% das emissões globais de gases de efeito estufa e por:

- Poluição significativa: Produção de roupas novas libera microplásticos no ambiente e oceano.
- Consumo de água: O setor da moda consome cerca de 215 trilhões de litros anualmente.
- Impactos na biodiversidade: Agricultura de algodão, principal matéria-prima têxtil, causa desmatamento e manipulação do solo.



Complementando a discussão global, o relatório *Fios da Moda: Perspectiva Sistêmica Para Circularidade (2020)* aborda a realidade brasileira. O estudo analisou os impactos socioambientais das principais fibras nacionais (algodão, poliéster e viscose), revelando carência de dados e transparência produtiva, o que limita o conhecimento sobre origens, condições de trabalho e uso de recursos. A alta produção brasileira de 2018 (mais de 9 bilhões de peças, ou 40/habitante) evidencia o elevado consumo interno. Adverte que o uso de terras férteis para matérias-primas têxteis pode comprometer soberania alimentar. O relatório salienta a urgência da transição para a economia circular e maior compromisso com a sustentabilidade nacional.

Diante do exposto, o consumo impulsivo, fomentado pela busca incessante por novidades e pelo *fast fashion*, gera insatisfação contínua entre os consumidores. Esse comportamento, além de comprometer o bem-estar psicológico, intensifica os impactos socioambientais da indústria da moda, ao acelerar a produção, ampliar o uso de recursos naturais e aumentar o descarte de resíduos. É essencial, portanto, repensar os padrões de consumo, buscando alternativas que priorizem a responsabilidade socioambiental.

4. Sustentabilidade

A sustentabilidade é um conceito que emergiu desafiando o desenvolvimento linear da sociedade contemporânea e buscando compreender a relação entre sociedade, natureza e seus processos de suporte (Rosa, 2007). No contexto da moda, envolve a adoção de práticas que minimizem os impactos ambientais, sociais e econômicos, promovendo um ciclo de produção responsável que respeita recursos naturais e condições de trabalho na cadeia produtiva.

Repensar os padrões de consumo e produção é desafio central desse movimento. A moda sustentável propõe caminhos como a reutilização, a reciclagem e o *upcycling*, e o uso de técnicas de baixo impacto ambiental. Busca também conscientizar os consumidores sobre a durabilidade e qualidade dos produtos, enfrentando as mudanças climáticas e as desigualdades sociais e econômicas globais.

Fletcher e Grose (2011) destacam que a sustentabilidade desafia a moda em todos os níveis — de materiais e processos ao modelo econômico e valores do setor. Para transformar a indústria, defendem práticas de design consciente que considerem o ciclo de vida do produto. Entre os pilares apontados estão o uso de materiais ecológicos, como algodão orgânico e tecidos reciclados, o desenvolvimento de peças duráveis e o estímulo à reutilização e reaproveitamento.

As autoras também abordam o conceito de design regenerativo, que prioriza processos utilizando materiais renováveis, como o Tencel (fibra que se decompõe naturalmente). Além disso, propõem alternativas ao modelo de produção, como o sistema sob demanda, uso criativo de resíduos (*upcycling*), práticas éticas de trabalho e incentivo a inovações em prol da sustentabilidade, como biomateriais e movimentos ativistas (ex: Fashion Revolution).



Complementando essa abordagem, Berlim (2009) ressalta a necessidade de enxergar a moda além da estética. Para a autora, a moda deve assumir seu potencial de impacto positivo no meio ambiente e na sociedade. A autora reforça a importância do ecodesign, da educação para a sustentabilidade e da criação de mercados justos (que favoreçam bons salários e segurança no trabalho). Embora reconheça a distância para um modelo plenamente sustentável, ela destaca avanços possíveis pela adoção de práticas e materiais responsáveis.

Nesse contexto, o ecodesign emerge como ferramenta essencial. Propõe a criação de produtos com mínimo impacto ambiental, por meio do uso de materiais renováveis, redução de resíduos e incorporação de princípios sustentáveis nos processos produtivos. Tavares (2017) propõe que uma das formas de combater o movimento *fast fashion*, responsável por produção massiva e acelerada de roupas baratas e de baixa qualidade, está no seu oposto, o *Slow fashion*, que visa desacelerar essa produção, prezando a durabilidade das roupas e a responsabilidade socioambiental.

O relatório do *Fashion Revolution (2024)* reforça o diagnóstico, defendendo que a transformação da moda exige um modelo de negócios centrado na preservação ambiental e no bem-estar, em vez do crescimento econômico a qualquer custo. A economia circular é destacada como solução promissora, por ampliar o ciclo de vida das roupas, reduzir o desperdício, promover inclusão social e inspirar acordos globais sobre práticas sustentáveis.

Diante desse panorama, torna-se evidente que o design tem papel estratégico e fundamental na consolidação de uma moda sustentável. O próximo capítulo se debruçará sobre essa atuação transformadora do design.

5. O Design no Cenário Social e Ambiental

Em cenário ambiental desafiador, o design se consolida como ferramenta essencial para mitigar impactos negativos, oferecendo alternativas sustentáveis e inovadoras. Manzini (2023) complementa essa perspectiva ao afirmar que, embora tradicionalmente associado à criação de produtos ou soluções tangíveis, o design também funciona como ferramenta estratégica capaz de transformar sistemas e comportamentos.

Latour (2005) reforça a importância da participação de diversos atores na criação de soluções coletivas. Para ele, a colaboração entre cientistas, políticos, cidadãos e outros é fundamental para enfrentar os complexos desafios da sociedade. Essa participação ativa é essencial para a construção de soluções inclusivas e eficazes, que atendam a necessidades emergentes e promovam mudanças estruturais significativas.

5.1 Design Participativo

O Design Participativo, conforme Rogers et al. (2013), originou-se na Escandinávia nas décadas de 60 e 70, inicialmente focado na capacitação de trabalhadores para o uso de sistemas de comunicação, alinhando-se à informatização de postos de trabalho e à promoção da democracia laboral. Para Paizan e Mellar (2011) e Spinuzzi (2005),



trata-se de abordagem estratégica que promove inclusão, colaboração e compartilhamento de conhecimentos, essenciais para projetos de impacto social, cultural e ambiental. A seguir, detalham-se os princípios e práticas dessa abordagem:

5.1.1 Princípios do Design Participativo segundo Paizan e Mellar (2011)

- 1. Inclusão e Democracia:** O Design Participativo busca envolver todos os participantes no processo de criação, promovendo a democratização com decisões compartilhadas, garantindo equidade e justiça social.
- 2. Valorização do Conhecimento Coletivo:** O conhecimento é amplamente entendido, abrangendo saberes informais e tácitos. O compartilhamento de saberes fortalece a colaboração e gera soluções mais adequadas às necessidades da comunidade.
- 3. Empoderamento dos Participantes:** Incentiva a participação ativa e a livre expressão, aumentando o engajamento e a responsabilidade dos envolvidos, capacitando-os para mudanças autônomas em projetos futuros.
- 4. Interação e Prototipagem:** Interação contínua e prototipagem permitem testar e ajustar ideias com base no feedback, garantindo soluções mais alinhadas às necessidades dos usuários.

5.1.2 Práticas do Design Participativo segundo Spinuzzi (2005)

- 1. Workshops e Sessões de Cocriação:** Encontros colaborativos que incentivam a troca de ideias entre diversos participantes, criando espaço inclusivo para soluções inovadoras e comprometimento com o sucesso do projeto.
- 2. Métodos de Pesquisa Participativa:** Utiliza métodos qualitativos, como entrevistas e observações, para compreender as necessidades dos usuários, garantindo design relevante e eficaz.
- 3. Feedback Constante:** A coleta de feedback contínuo permite ajustes no projeto, reforçando a participação e a consideração das contribuições dos envolvidos.
- 4. Criação de Ambiente Colaborativo:** Ambiente de trabalho seguro e aberto é essencial para estimular criatividade, engajamento e expressão livre, sendo pilar fundamental para o sucesso do Design Participativo.

Segundo Miranda, Santos e Noronha (2019), o Design Participativo deve ser compreendido não só como ferramenta de criação, mas como processo que promove o envolvimento ativo e a autonomia das comunidades, permitindo que soluções desenvolvidas sejam sustentáveis e alinhadas às realidades locais. Quando integrado a abordagens como o Design Social, o Ecodesign e o Design Sustentável, o Design Participativo amplia seu potencial de gerar soluções inovadoras, ecologicamente responsáveis e socialmente justas. A articulação entre essas práticas contribui para a valorização do conhecimento local, respeitando especificidades culturais e sociais e possibilitando a regeneração de saberes e práticas tradicionais.



Miranda, Santos e Noronha (2019) afirmam que, ao incluir as comunidades no processo criativo, as soluções tornam-se mais eficazes. A inclusão das comunidades no processo criativo valoriza o conhecimento local e as práticas tradicionais, criando soluções que atendem não só às necessidades imediatas, mas também promovem a continuidade e a regeneração das tradições e saberes locais.

5.2 O Design Participativo no Contexto da Moda Sustentável

No contexto da moda, onde o consumo gera impactos ambientais significativos, o Design Participativo se destaca por transformar comportamentos de produção e consumo. Ele contribui para a criação de um ciclo mais responsável, colaborativo e sustentável, sensibilizando os consumidores e envolvendo-os na criação de soluções. Segundo Pazmino (2007) e Nassar (2017), essa abordagem não só resolve problemas imediatos, mas fortalece a capacidade das comunidades de atuarem autonomamente em projetos futuros, criando rede de conhecimento compartilhado. Ao permitir a mescla de saberes formais e empíricos, o Design Participativo promove inclusão, equidade e respeito pela diversidade cultural e ambiental, estabelecendo valores que se perpetuam.

No livro *Políticas do Cotidiano*, Manzini (2023) propõe visão ampliada de autonomia, onde cidadãos deixam de ser meros consumidores e atuam como protagonistas na construção de um futuro mais justo e sustentável. Para o autor, a autonomia vai além da liberdade individual, sendo entendida como a capacidade de agir coletivamente na criação de soluções sociais e políticas. A inovação social é central nessa proposta, pois o autor destaca que transformações significativas podem emergir de pequenas ações locais, cocriadas por comunidades. Nesse contexto, o design atua como mediador e facilitador de processos coletivos, contribuindo para a sustentabilidade e a inclusão.

A fusão entre autonomia individual e colaboração coletiva é o núcleo da proposta, que valoriza diversidade, engajamento e a construção conjunta de alternativas para os desafios contemporâneos, posicionando o design como agente de transformação social.

O Design Participativo, como apresentado por Light e Akama (2012), enfatiza práticas colaborativas sensíveis às dimensões culturais, emocionais e sociais das comunidades. Em um estudo sobre preparação para incêndios, o conhecimento local foi valorizado no planejamento, gerando soluções eficazes e contextualizadas. Em vez de impor respostas, os facilitadores promoveram o compartilhamento de experiências e a identificação coletiva de riscos com ferramentas lúdicas e acessíveis. A abordagem gerou confiança, empoderamento e protagonismo. O relato de um participante frustrado com alertas exemplifica como o processo integra saberes locais e fortalece a ação coletiva.

O estudo de Pisetta e Junior (2024) mostra como a prática participativa, aliada à moda sustentável, promove autonomia. O projeto *Musas Coletivo de Moda*, que atua com jovens de comunidades periféricas, reaproveita resíduos têxteis para criar produtos como calçados, gerando renda e fortalecendo autoestima, confiança e identidade. Além



do impacto econômico, estimula convivência, apoio mútuo e coesão grupal. A experiência demonstra que autonomia envolve ação coletiva e transformação social, tendo educação, design participativo e moda sustentável como pilares desse processo.

O Design Participativo, como evidenciado neste capítulo, configura-se como poderosa ferramenta para a construção de soluções focadas na sustentabilidade e socialmente justas. Sua aplicação em diversos contextos, como o ambiental e o da moda, demonstra como pode transformar sistemas, comportamentos e realidades locais, promovendo cocriação que valoriza tanto o conhecimento local quanto a autonomia coletiva. Ao incorporar os princípios de inclusão, empoderamento e colaboração, o Design Participativo vai além da criação de produtos, tornando-se agente de transformação social que pode, efetivamente, contribuir para a construção de um futuro mais sustentável e justo.

6. Abordagem Metodológica

A pesquisa classifica-se como qualitativa, aplicada, exploratória, descritiva e assistemática combinando revisão narrativa da literatura com estudo de caso. Segundo Gil (2009), a pesquisa é um processo de obtenção de dados que visa esclarecer dúvidas sobre um tema diante da insuficiência de informações disponíveis. A abordagem qualitativa foi a mais indicada, pois permite investigar fenômenos relacionados à subjetividade, ao comportamento humano e às interações socioculturais (Gerhardt; Silveira, 2009).

A pesquisa é também aplicada, conforme Lakatos e Marconi (2017), pois busca a resolução de problemas práticos relacionados à sustentabilidade e ao design participativo na moda. Sua natureza exploratória e descritiva se caracteriza por uma investigação que busca compreender o fenômeno em questão, descrevendo suas características sem realizar manipulação experimental (Gil, 2009 e Lakatos; Marconi, 2017). A natureza assistemática da pesquisa garantiu flexibilidade, permitindo que novos dados e hipóteses surgissem durante o processo, contribuindo para a dinâmica do estudo (Libâneo, 2006).

A primeira etapa da pesquisa consistiu em uma investigação bibliográfica exploratória e em uma revisão narrativa da literatura, fundamentadas nas orientações metodológicas de Rampazzo (2005), Gil (2009) e Marcuschi (2008). O objetivo foi mapear o estado da arte nas áreas de Moda, Sustentabilidade, Consumo e Design Participativo. As bases consultadas incluíram SciELO, Google Acadêmico e Biblioteca Digital Folha, com publicações selecionadas no período de 1995 a 2024. As palavras-chave utilizadas nas buscas foram: moda, consumo, sustentabilidade, design participativo, ecodesign e *upcycling*.

A segunda fase do estudo focou em um caso prático: a coleção de moda "Digitais: o resgate dos tingimentos naturais". Essa coleção foi criada pelos próprios alunos do curso de Costura Industrial e Modelagem do SENAI-MA, na unidade Raimundo Franco



Teixeira, como parte de uma metodologia ativa de aprendizado, não havendo uma demanda externa para sua concepção.

Para coletar os dados, utilizamos observação assistemática, entrevistas semiestruturadas, registros fotográficos e um diário de campo. A amostra foi intencionalmente composta por cinco participantes que tiveram envolvimento direto no desenvolvimento do projeto.

A observação assistemática possibilitou captar aspectos espontâneos do processo criativo, enquanto o diário de campo serviu como ferramenta reflexiva e de registro, contribuindo para uma visão mais aprofundada das interações e do contexto (Souza, 2010). As entrevistas semiestruturadas foram formuladas com base nas hipóteses teóricas da pesquisa, visando entender a experiência das participantes durante o processo criativo. As fotografias funcionaram como estímulos para a memória, facilitando a narração de relatos mais detalhados (Abrahão, 2004).

A triangulação de métodos foi adotada para aumentar a confiabilidade dos dados, conforme sugerido por (Minayo, 2014). Essa estratégia integrou múltiplas fontes de evidência – observações, entrevistas, diário de campo e referencial teórico –, possibilitando uma análise mais crítica e multifacetada do objeto de estudo. A triangulação proporcionou uma articulação robusta entre teoria e prática, permitindo que diferentes perspectivas enriquecessem a interpretação dos dados coletados.

A análise dos dados foi orientada por categorias extraídas da literatura de Paizan e Mellar (2011), Spinuzzi (2005), Fletcher e Grose (2019), Manzini (2023), Pisetta e Junior (2024), Miranda, Santos e Noronha (2019) e (Light e Akama, 2012). A ênfase esteve nos seguintes tópicos: **princípios do design participativo, práticas do design participativo, práticas sustentáveis no design de moda, sustentabilidade e inovação, transformação sistêmica por meio do design, perspectivas locais e comunidades no design participativo.**

O percurso metodológico adotado neste estudo permitiu uma compreensão aprofundada de como os princípios do design participativo podem contribuir para a construção de práticas sustentáveis na moda. O uso de múltiplas técnicas de coleta e análise de dados possibilitou a integração da vivência prática com os referenciais teóricos, garantindo a profundidade e a qualidade da pesquisa. As categorias de análise foram fundamentais para estabelecer relações entre as diferentes dimensões do design sustentável, e a triangulação de métodos assegurou uma abordagem mais holística e abrangente do fenômeno estudado.

Após uma análise detalhada das abordagens metodológicas adotadas, passaremos a explorar as categorias analíticas que orientaram a interpretação dos dados coletados, focando na forma como os princípios do design participativo e as práticas sustentáveis emergiram na pesquisa.



7. Categorias Analíticas

Após uma análise detalhada das abordagens metodológicas adotadas, passaremos a explorar as categorias analíticas que orientaram a interpretação dos dados coletados, focando na forma como os princípios do design participativo e as práticas sustentáveis emergiram na pesquisa.

Quadro 1: Categorias Analíticas

Quadro 1: Categorias Analíticas		
Categoria	Autor	Síntese
7.1 Práticas sustentáveis no Design de Moda	Fletcher e Grose (2019)	A sustentabilidade no design de moda redefine a produção e o consumo, priorizando o ciclo de vida do produto, materiais ecológicos, durabilidade (ex: upcycling) e qualidade, impulsionando a inovação na indústria.
7.2 Sustentabilidade e inovação	Berlim (2009)	A moda pode ser um agente de impacto socioambiental positivo ao integrar princípios sustentáveis (ex: algodão orgânico, cânhamo) e inovação. Valoriza criadores responsáveis, mercados justos e o slow fashion para reduzir impactos e promover consumo consciente.
7.3 Princípios do Design Participativo	Paizan e Mellar (2011)	Os quatro princípios-chave são: inclusão (decisões compartilhadas e justiça social), conhecimento coletivo (valorização de saberes comunitários para soluções locais), empoderamento (participação ativa e autonomia) e prototipagem (ajustes contínuos baseados no feedback).
7.4 Práticas do Design Participativo	Spinuzzi (2005)	Foca em colaboração e engajamento através de workshops, cocriação, pesquisa participativa (qualitativa) e feedback contínuo. Essencial criar um ambiente seguro e inclusivo para estimular a criatividade.
7.5 Transformação sistêmica por meio do design	Manzini (2023)	Propõe autonomia pela ação coletiva e participação cidadã em iniciativas locais. O design atua como mediador de soluções sociais e ambientais, valorizando inovação social e cocriação, promovendo mudanças via escuta, diversidade e trabalho conjunto.
7.6 Perspectivas Locais e comunidades no Design participativo	Miranda, Santos e Noronha (2019); Light e Akama (2012); Pisetta e Junior (2024)	A integração de abordagens do design (participativo, social, sustentável, ecodesign) gera soluções conscientes e alinhadas ao contexto local, envolvendo a comunidade para reduzir impactos. Valoriza conhecimento local e empoderamento comunitário, e a moda sustentável pode promover autonomia, autoestima e renda, especialmente para jovens em vulnerabilidade.

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

7.1 Práticas sustentáveis no Design de Moda

Fletcher e Grose (2019) apontam que a sustentabilidade reconfigura a moda tradicional. Para as autoras, o design sustentável deve considerar o ciclo de vida do produto, priorizando materiais ecológicos, durabilidade e qualidade. Exemplos incluem *upcycling*, incentivo à devolução de peças usadas e biomateriais. Se, por um lado, a sustentabilidade no design de moda implica práticas conscientes, por outro, ela também se traduz em inovação, que pode redefinir o futuro da indústria.

7.2 Sustentabilidade e inovação

Berlim (2009) propõe que a moda atue como agente de impacto socioambiental positivo, integrando princípios sustentáveis ao design, com materiais como algodão orgânico e cânhamo. A autora valoriza criadores responsáveis, mercados justos e destaca



o papel do *slow fashion* na redução de impactos ambientais, promovendo moda mais consciente e leve.

7.3 Princípios do Design Participativo segundo Paizan e Mellar

Paizan e Mellar (2011) evidenciam quatro princípios do Design Participativo: inclusão, conhecimento coletivo, empoderamento e prototipagem. A inclusão assegura decisões compartilhadas e justiça social. O conhecimento coletivo valoriza saberes comunitários, gerando soluções alinhadas às realidades locais. O empoderamento promove participação ativa e autonomia. A prototipagem iterativa permite ajustes contínuos com base no *feedback* (retorno), gerando propostas mais eficazes para a comunidade.

7.4 Práticas do Design Participativo segundo Spinuzzi

Spinuzzi (2005) destaca práticas do Design Participativo que fortalecem colaboração e engajamento no processo criativo. *Workshops* (oficinas) e sessões de cocriação promovem troca de ideias e comprometimento. A pesquisa participativa, com métodos qualitativos, assegura soluções alinhadas às necessidades dos usuários. Feedback contínuo permite ajustes e fortalece vínculos entre os envolvidos. Criar ambiente seguro e inclusivo é essencial para estimular criatividade e participação ativa.

7.5 Transformação sistêmica por meio do design

Manzini (2023) propõe autonomia baseada na ação coletiva, onde a participação cidadã se manifesta em iniciativas locais do cotidiano. O design atua como mediador de soluções sociais e ambientais, valorizando inovação social e cocriação. Sua proposta integra autonomia pessoal e cooperação coletiva, promovendo mudanças por meio da escuta, diversidade e trabalho conjunto.

7.6 Perspectivas Locais e comunidades no Design participativo

Miranda, Santos e Noronha (2019) defendem que a integração de abordagens do design — como participativo, social, sustentável e ecodesign — gera soluções mais conscientes e alinhadas ao contexto local e na moda, ao envolver a comunidade, reduzindo impactos. Light e Akama (2012) mostram como o Design Participativo pode ser sensível e culturalmente adaptável, valorizando o conhecimento local e o empoderamento comunitário (ex: ações preventivas contra incêndios). Pisetta e Junior (2024) evidenciam o uso da moda sustentável como promotora de autonomia, autoestima e geração de renda entre jovens em vulnerabilidade, evidenciando o potencial transformador de práticas educativas e inclusivas.

8. Estudo de Caso

Segundo Yin (2015), o estudo de caso é apropriado para explorar fenômenos contemporâneos em contextos reais, especialmente quando os limites entre fenômeno e contexto não estão claramente definidos. Essa estratégia metodológica mostrou-se



adequada, pois a coleção “Digitais: o resgate dos tingimentos naturais uma coleção colaborativa” foi construída processualmente, com características e diretrizes delineando-se ao longo de seu desenvolvimento.

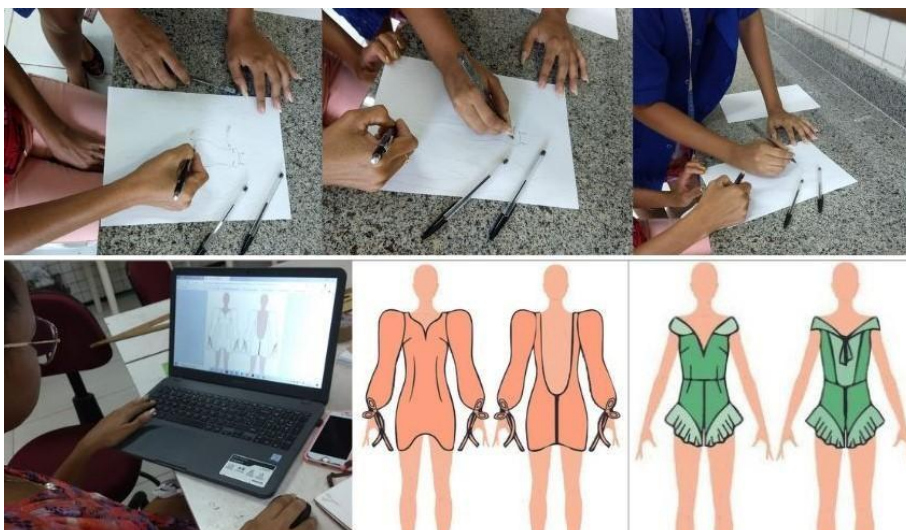
8.1 1ª Etapa – Esboços/ Desenho

A primeira etapa da coleção colaborativa “Digitais: o resgate dos tingimentos naturais” envolveu o início do projeto, apresentação da proposta, definição de objetivos e aprofundamento teórico-prático sobre práticas sustentáveis na moda. Com base em metodologias participativas, foram realizadas oficinas e *workshops* voltados à sustentabilidade e criação coletiva.

Destacam-se testes com tingimento natural, utilizando insumos locais como cascas de cebola e hibisco, que nortearam decisões estéticas e técnicas da coleção. Os participantes se envolveram ativamente em pesquisas, experimentações e discussões, fortalecendo o engajamento com os princípios da moda no viés da sustentabilidade.

Nos dias subsequentes, a equipe iniciou o desenvolvimento de esboços e desenhos técnicos. Os croquis foram criados com base nos moldes reaproveitados e nos resultados dos testes com tingimentos naturais. A colaboração entre os participantes foi fundamental, com troca de habilidades e apoio mútuo no processo de desenho. As cores foram escolhidas com base nos pigmentos naturais obtidos, priorizando tons terrosos e suaves, reforçando a conexão com a natureza.

Figura 1 - Esboços e desenho técnico.



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).



8.2 2ª Etapa – Costura/ Tingimento/ Estamparia Artesanal

A segunda etapa materializou as ideias. A equipe modelou e corrigiu os moldes, adaptando-os aos tecidos reaproveitados. A criação das peças piloto possibilitou ajustes para garantir caimento e coerência estética.

A prototipagem incluiu corte, costura e tingimento natural, intercalados conforme a complexidade de cada *look* (visual). Peças multicoloridas exigiam tingimento prévio; monocromáticas eram tingidas após a costura. O processo foi realizado nas instalações do SENAI-MA e nas residências dos participantes, demonstrando comprometimento coletivo.

Figura 2 - Corte, costura e tingimento das peças.



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

A escolha de aviamentos e o início da estamparia artesanal também ocorreram nessa fase, focando em práticas de baixo impacto ambiental. As estampas foram criadas com objetos variados (régua, folhas de plantas e utensílios domésticos), escolhidos pelos co-criadores, que os embebiavam em tinta e aplicavam diretamente sobre o tecido. As decisões foram compartilhadas e acompanhadas pela mediação da designer Alice Moraes, que garantiu equilíbrio a cada etapa da produção.

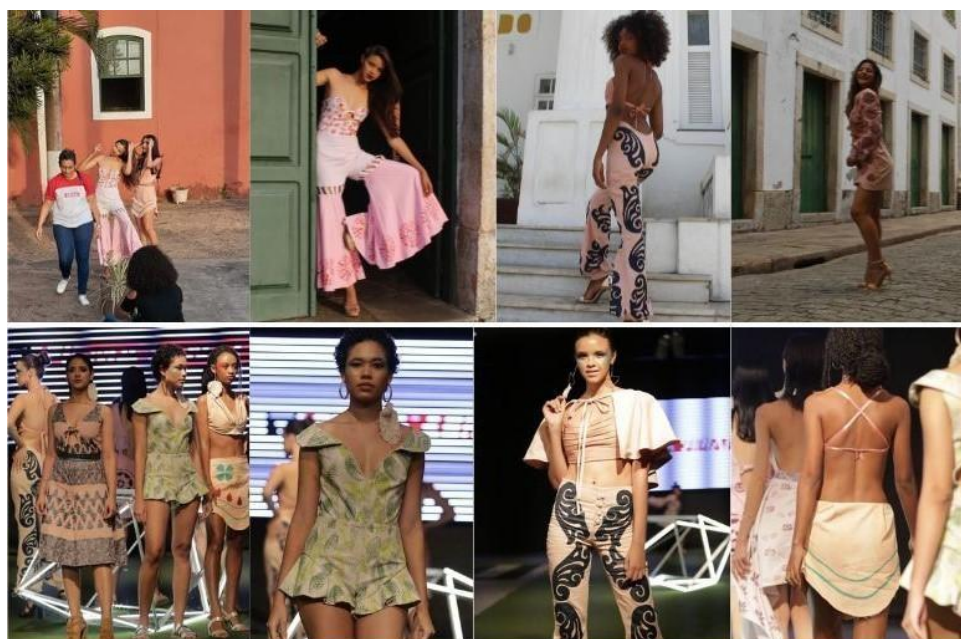
8.3 3ª Etapa – Ensaio Fotográfico/ Desfile

A etapa final consolidou o trabalho. Iniciou-se com provas das peças nas modelos, ajustes finais e aplicação de aviamentos. A estamparia com tinta de tecido foi concluída, e outros elementos do visual – acessórios e maquiagem – foram escolhidos para reforçar a identidade da coleção.



Os ensaios fotográficos ocorreram em pontos turísticos do Centro Histórico de São Luís-MA, integrando o conceito da coleção ao patrimônio cultural. As fotos destacaram *looks*, técnicas sustentáveis (tingimento e *upcycling*) e elementos artesanais e naturais.

Figura 3 - Ensaio fotográfico e desfile



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

O desfile da coleção ocorreu em 06/11/2019, no Maranhão Fashion Week, como quinta apresentação da noite. No dia seguinte, a coleção permaneceu em exposição, permitindo ao público observar os detalhes do trabalho. A repercussão positiva culminou em entrevista no programa de TV “ChegAÍ”, onde os cocriadores destacaram a importância de práticas sustentáveis e o impacto social do projeto.

9. Análise de Resultados

A seguir, detalham-se os principais aspectos analisados no estudo, refletindo sobre como o Design Participativo e a sustentabilidade influenciaram os resultados obtidos.



Quadro 2: Resultados

Quadro 2: Resultados
<p>9.1 Princípios do Design Participativo Inclusão e Experimentação:</p> <p>O projeto "Digitais" demonstrou a eficácia dos princípios do Design Participativo, com inclusão, democracia, troca de saberes locais (tingimento natural) e valorização do conhecimento coletivo. A colaboração contínua e a prototipagem iterativa com feedback foram cruciais para soluções cultural e socialmente adequadas, democratizando o conhecimento e incentivando a experimentação, gerando soluções inovadoras. A experiência fortaleceu a autonomia criativa e a capacidade de inovação/adaptação dos participantes.</p>
<p>9.2 Práticas do Design Participativo Cocriação e Ajustes Iterativos:</p> <p>O projeto "Digitais" demonstrou a eficácia dos princípios do Design Participativo, com inclusão, democracia, troca de saberes locais (tingimento natural) e valorização do conhecimento coletivo. A colaboração contínua e a prototipagem iterativa com feedback foram cruciais para soluções cultural e socialmente adequadas, democratizando o conhecimento e incentivando a experimentação, gerando soluções inovadoras. A experiência fortaleceu a autonomia criativa e a capacidade de inovação/adaptação dos participantes.</p>
<p>9.3 Práticas Sustentáveis no Design de Moda Redução de Impactos e Consumo Consciente:</p> <p>O projeto "Digitais" demonstrou a eficácia dos princípios do Design Participativo, com inclusão, democracia, troca de saberes locais (tingimento natural) e valorização do conhecimento coletivo. A colaboração contínua e a prototipagem iterativa com feedback foram cruciais para soluções cultural e socialmente adequadas, democratizando o conhecimento e incentivando a experimentação, gerando soluções inovadoras. A experiência fortaleceu a autonomia criativa e a capacidade de inovação/adaptação dos participantes.</p>

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

9.1 Princípios do Design Participativo

O projeto "Digitais: o Resgate dos Tingimentos Naturais" adotou princípios do Design Participativo, priorizando inclusão e democracia no processo criativo. A participação dos alunos do curso de Costura e Modelagem do SENAI Maranhão foi essencial; a mediadora facilitou a comunicação e garantiu que as sugestões de todos fossem consideradas. A troca de saberes locais, como técnicas de tingimento natural, valorizou o conhecimento coletivo e refletiu o compromisso com práticas sustentáveis e as necessidades da comunidade.

Colaboração contínua, envolvendo saberes formais e informais, foi crucial para o desenvolvimento das peças, com testes de tingimento e ajustes de modelagens. A prototipagem iterativa permitiu ajustes baseados em *feedback* constante, resultando em soluções de design mais adequadas ao contexto cultural e social da comunidade. A democratização do conhecimento foi fundamental, quebrando barreiras hierárquicas e incentivando a experimentação de novas técnicas e materiais, gerando soluções inovadoras (Spinuzzi, 2005).

O Design Participativo favoreceu a adaptação de técnicas artesanais tradicionais (tingimento natural, estamparia e reaproveitamento de tecidos) às demandas contemporâneas por sustentabilidade ambiental. Essas demandas incluem redução de resíduos, uso de corantes naturais (evitando poluentes químicos) e produção manual (diminuindo



consumo energético). Como resultado, foram criados produtos com menor impacto ambiental, respeitando a identidade cultural da comunidade. Um exemplo são as cores das roupas da coleção, que remetem à terra, ao barro e às plantas típicas da Ilha de São Luís do Maranhão, valorizando recursos naturais e o saber tradicional da região.

A experiência fortaleceu a autonomia criativa dos participantes, ampliando capacidades de inovação e adaptação no setor artesanal. A valorização do conhecimento coletivo e o empoderamento dos participantes, mesmo sem formação acadêmica em moda, foram fundamentais para o sucesso do projeto, demonstrando o impacto social e cultural do design colaborativo.

Após discutir os princípios do Design Participativo, observa-se que a prática efetiva dessas diretrizes foi fundamental para o desenvolvimento das soluções de design. Agora, exploraremos como as práticas específicas do Design Participativo se manifestaram nas etapas do projeto.

9.2 Práticas do Design Participativo

O projeto seguiu as práticas do Design Participativo descritas por Spinuzzi (2005), com foco em *workshops* e sessões de cocriação. Durante o desenvolvimento da coleção, os alunos participaram ativamente, influenciando decisões de design, especialmente nas fases de esboços e prototipagem. A pesquisa participativa foi fundamental, pois o projeto considerou as necessidades e preferências dos alunos, como na escolha das técnicas de tingimento natural, permitindo que as experimentações colaborativas resultassem em soluções mais adequadas às realidades locais.

O processo iterativo de ajustes constantes foi uma característica essencial do projeto, com os alunos ajustando as modelagens das peças e discutindo detalhes como acessórios e estilo de maquiagem. As entrevistas confirmaram a relevância dos *workshops* e da prototipagem, onde os participantes tiveram a oportunidade de transformar ideias em peças reais. A troca de experiências intergeracionais entre as alunas experientes e jovens gerou um aprendizado mútuo, preservando saberes tradicionais e incorporando novas abordagens e tecnologias, conforme destacado por (Spinuzzi, 2005).

Além disso, a prática do Design Participativo demonstrou a importância do aprendizado colaborativo, permitindo que os participantes experimentassem materiais e métodos sustentáveis, ajustando suas estratégias de design com base no *feedback* contínuo. O envolvimento direto na experimentação gerou novas possibilidades criativas e estimulou a adoção de práticas sustentáveis. Ao final, o projeto demonstrou como o Design Participativo pode democratizar o acesso ao design, fortalecer a autonomia dos participantes e promover a inovação social dentro da comunidade.

Essas práticas colaborativas não apenas enriqueceram o processo de design, mas também reforçaram o compromisso com a sustentabilidade. Com base nessa interação contínua, podemos agora analisar as práticas sustentáveis que estiveram presentes no desenvolvimento da coleção.



9.3 Práticas Sustentáveis no Design de Moda

A coleção "Digitais – O Resgate dos Tingimentos Naturais" demonstrou compromisso com práticas sustentáveis no design de moda, conforme (Fletcher e Grose, 2019). A utilização de materiais reciclados, como sobras de brim, e o *upcycling* (reaproveitamento de moldes), visaram minimizar impactos ambientais. A substituição de técnicas químicas tradicionais pelo tingimento natural reflete a busca por alternativas ecológicas, alinhadas ao design em prol da sustentabilidade, que visa reduzir danos ambientais.

A criação de peças duráveis e atemporais foi priorizada, evitando o descarte precoce. Produção sob demanda, reaproveitamento de moldes e colaboração com costureiras locais contribuíram para a minimização do desperdício. Ao adotar práticas ecologicamente responsáveis, os participantes perceberam a importância do consumo consciente e da escolha de materiais de menor impacto ambiental, evidenciando mudança em suas percepções sobre moda no olhar ecológico.

A integração de práticas sustentáveis no processo de criação não comprometeu a inovação, mas fortaleceu a criatividade, incentivando soluções que equilibrassem tradição e modernidade. O uso de materiais naturais e biodegradáveis permitiu aos participantes experimentarem texturas e cores, sem recorrer a produtos industrializados de alto impacto. Assim, o projeto contribuiu para a redução de impactos ambientais e fortaleceu a identidade cultural e econômica da comunidade, promovendo um modelo produtivo resiliente e inovador.

Quadro 3: Resultados

Quadro 3: Resultados
<p>9.4 Sustentabilidade e Inovação Integração e Redução de Resíduos:</p> <p>A coleção "Digitais" integrou sustentabilidade e ecodesign (Berlim, 2009), focando no ciclo de vida do produto e usando materiais reciclados, upcycling e tingimento natural para reduzir resíduos. Promoveu também justiça social.</p> <p>Desafio às Convenções e Impacto Local: A inovação desafiou práticas convencionais (slow fashion), ampliando perspectivas sobre o setor. O envolvimento comunitário na cocriação foi crucial para aceitação dos produtos e minimização de impactos, com a sustentabilidade emergindo como diferencial competitivo e impulsionando o desenvolvimento socioeconômico local.</p>
<p>9.5 Transformação Sistêmica por Meio do Design Design como Ferramenta Estratégica:</p> <p>O design atuou como ferramenta estratégica para mudanças sistêmicas (produtivas e comportamentais, Manzini, 2023), promovendo impactos ambientais e sociais positivos via uso de materiais e técnicas menos nocivas. A cocriação empoderou os alunos como agentes ativos, reforçando a autonomia coletiva e o papel transformador da moda. O Design Participativo valorizou o artesanato, buscando sistemas equilibrados e modelos produtivos replicáveis para autonomia econômica e produtiva.</p>
<p>9.6 Perspectivas Locais e Comunidades no Design Participativo Autonomia e fortalecimento local:</p> <p>A Coleção Digitais evidenciou autonomia e empoderamento das participantes (alunas SENAI-MA) via capacitação e independência financeira, fortalecendo habilidades e autonomia social. Essa análise, em diálogo com o Projeto Musas (Pisetta e Junior, 2024), destaca a integração de práticas locais e ecodesign para sustentabilidade, que atendeu necessidades comunitárias, reduziu impactos ambientais e valorizou o conhecimento intergeracional. Confirma-se o potencial do design para inovar socialmente, construir modelos produtivos resilientes e gerar benefícios econômicos e sociais, com potencial de replicabilidade.</p>

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)



9.4 Sustentabilidade e Inovação

A coleção "Digitais - O Resgate dos Tingimentos Naturais" ilustra a integração da sustentabilidade nas práticas de design e produção, conforme princípios de ecodesign de (Berlim, 2009). Considerando o ciclo de vida dos produtos, o uso de materiais reciclados e *upcycling*, junto a técnicas de tingimento natural, refletem o compromisso com a redução de resíduos. O projeto promove a justiça social, valorizando saberes locais e colaborando eticamente com a comunidade.

A inovação foi central à coleção, desafiando práticas convencionais da indústria da moda ao explorar abordagens alinhadas ao *slow fashion*. A coleção foi iniciativa experimental desenvolvida por alunas do curso de costura do SENAI-MA, sem demanda externa. A durabilidade das peças foi avaliada por testes de estiramento e atrito manual, verificando a resistência do brim utilizado. Os participantes destacaram que essa combinação de técnicas tradicionais e novas práticas ampliou suas perspectivas sobre o setor e incentivou consumo mais consciente. A inovação permitiu a criação de peças sustentáveis, criativas e esteticamente valorizadas.

O envolvimento comunitário na cocriação de soluções, exemplificado pela coleção "Digitais", foi crucial para aceitação de produtos e minimização de impactos ambientais. Práticas centrais como *upcycling* e reaproveitamento de tecidos descartados resultaram em menores impactos ambientais, devido ao uso de tingimentos naturais (com insumos locais como casca de cebola e hibisco) e aproveitamento de moldes e tecidos, o que diminuiu a demanda por matérias-primas virgens e a geração de resíduos. O processo fomentou abordagens ecológicas e circulares, alinhadas às demandas socioambientais, e demonstrou a sustentabilidade como diferencial competitivo, impulsionando o desenvolvimento socioeconômico local.

Após perceber a interseção entre sustentabilidade e inovação no projeto, examina-se como o design pode ser ferramenta para gerar mudanças sistêmicas: em práticas ambientais e comportamentos sociais e produtivos das comunidades envolvidas.

9.5 Transformação Sistêmica por Meio do Design

A coleção demonstrou o design como ferramenta estratégica para promover mudanças no sistema produtivo e comportamental, alinhada aos conceitos de (Manzini, 2023). A utilização de materiais reciclados, *upcycling* e tingimento natural exemplifica como o design pode reconfigurar práticas produtivas, gerando impactos ambientais e sociais positivos. A experiência de cocriação proporcionou aos alunos o envolvimento no processo criativo, refletindo princípios de autonomia e colaboração, transformando-os de consumidores passivos em agentes na criação de soluções sustentáveis.

O modelo de cocriação evidenciou a importância da autonomia coletiva, onde cada participante influenciou as decisões de design, contribuindo para mudança no comportamento e nas práticas de consumo. O processo de colaboração reforçou a ideia de que a moda pode ir além da estética, sendo agente de transformação social e ambiental. A mudança de percepção dos participantes sobre a indústria da moda, tornando-



os mais conscientes dos impactos por trás de cada peça, exemplifica o poder do design em criar abordagem crítica e responsável em relação ao consumo.

A pesquisa revelou que o Design Participativo gerou autonomia dos participantes, permitindo-lhes assumir papéis estratégicos na cadeia produtiva. A valorização do trabalho artesanal e a adoção de práticas de baixo impacto ecológico e inovadoras propiciaram a criação de um sistema equilibrado, onde tradição e inovação coexistem. A longo prazo, essa transformação tem o potencial de criar modelos produtivos menos nocivos e colaborativos, replicáveis em outras comunidades, fortalecendo sua autonomia econômica e produtiva.

Com essas transformações no comportamento e nas práticas produtivas, o próximo passo é compreender como a participação das comunidades locais no design colaborativo pode fortalecer essas mudanças, contribuindo para o empoderamento e a criação de modelos resilientes.

9.6 Perspectivas Locais e Comunidades no Design Participativo

A análise da coleção 'Digitais - O Resgate dos Tingimentos Naturais' evidenciou autonomia e empoderamento das participantes, alunas do SENAI Maranhão. Esses achados dialogam com o Projeto Musas Coletivo de Moda (Pisetta e Junior, 2024), que capacita jovens para criação e comercialização de produtos de base ecológica. A coleção permitiu que as participantes se tornassem mais independentes, além de fortalecerem habilidades e desenvolverem autonomia social por meio do trabalho coletivo. O design participativo proporcionou integração de práticas locais com técnicas de design em prol da sustentabilidade, refletindo mudança de paradigma no consumo e produção de moda (Light e Akama, 2012).

Essa análise local sublinha a importância de práticas colaborativas, levando a refletir sobre como as soluções geradas podem ser replicadas em outras comunidades, ampliando o impacto do design participativo na sociedade.

O Ecodesign e o Design Sustentável no contexto local permitiram que o projeto atendesse às necessidades da comunidade de forma inovadora, promovendo a reutilização de resíduos têxteis e contribuindo para a redução de impactos ambientais. A criação de produtos, com foco no reaproveitamento de materiais e fortalecimento da autonomia das participantes, demonstra o potencial do design para transformar as comunidades locais e gerar soluções em prol da sustentabilidade que sejam socialmente responsáveis.

A participação de membros da comunidade e profissionais de diferentes áreas enriqueceu o processo criativo e consolidou a relevância do design participativo no contexto local. A inclusão de costureiras e especialistas locais garantiu que o projeto estivesse alinhado às necessidades da comunidade. O impacto desse envolvimento foi destacado por um participante: "Foi muito importante ver como cada um trouxe um pouco da sua história e experiência para o projeto.". Essa valorização do conhecimento local



fortaleceu o sentimento de pertencimento dos envolvidos, consolidando a relevância do Design Participativo para o desenvolvimento sustentável.

Alguns participantes relataram que a experiência trouxe nova percepção sobre o trabalho artesanal e a valorização das técnicas tradicionais. "Minha avó sempre costurou, mas eu nunca tinha prestado atenção no valor desse conhecimento. Agora vejo como isso é precioso.". Esse depoimento evidencia como o projeto atuou na valorização de saberes locais e intergeracionais.

O design participativo possibilita a criação de redes de colaboração sustentáveis, garantindo que as inovações continuem a evoluir mesmo após a pesquisa. A construção de espaços de cocriação fortaleceu a autonomia da comunidade e permitiu a criação de soluções que refletem suas necessidades e aspirações.

A incorporação de perspectivas locais no Design Participativo incentiva a inovação comunitária, promovendo soluções eficientes e sustentáveis. O estudo evidenciou que, ao considerar as particularidades dos participantes, foi possível criar modelo produtivo mais resiliente e adaptado às dinâmicas sociais e econômicas da comunidade.

Os resultados do estudo demonstram que o Design Participativo e a sustentabilidade são ferramentas fundamentais para a inovação social e produtiva. A pesquisa evidenciou que o envolvimento da comunidade no desenvolvimento de soluções fortalece a autonomia dos participantes, promove a inclusão social e valoriza saberes locais.

Ao integrar práticas sustentáveis e inovadoras no design de moda, a pesquisa reduziu o impacto ambiental dos produtos e gerou benefícios econômicos e sociais para a comunidade. Assim, o estudo reafirma a importância de metodologias colaborativas no design, demonstrando que a participação dos envolvidos é essencial para a construção de soluções eficazes e sustentáveis.

10 Considerações Finais

A pesquisa evidenciou o potencial transformador do design participativo na criação de uma coleção de moda sustentável, destacando sua eficácia na integração de saberes e na promoção de práticas colaborativas. Os resultados indicam que a participação ativa de múltiplos atores no processo criativo contribui para o enriquecimento estético e funcional dos produtos, fortalecendo o vínculo entre teoria e prática.

A fundamentação teórica demonstrou que o design participativo pode atuar como ferramenta estratégica para a transformação social e ambiental na moda. A cocriação revelou-se caminho promissor para reconfigurar modelos tradicionais de produção, estimulando a inovação e favorecendo a construção de soluções alinhadas à sustentabilidade.

A aplicação da metodologia participativa evidenciou benefícios e desafios inerentes à sua adoção. Os desafios foram: coordenar agendas e flexibilizar etapas (costura e tingimento finalizados nas casas dos participantes); garantir qualidade com materiais reciclados e tingimentos naturais (peças manchadas, resistência a sobras de tecidos);



lidar com a diversidade de habilidades (falta de afinidade com desenho, medo de manchar peças na estamparia); filtrar ideias; e administrar tempo para cumprir o prazo de apresentação da coleção. Em contrapartida, a experiência revelou a importância de comunicação transparente, flexibilidade nos processos e necessidade de capacitação e infraestrutura para viabilizar a efetividade do modelo colaborativo.

Em suma, a experiência de desenvolver a coleção 'Digitais - O resgate dos tingimentos naturais' demonstrou ser um trabalho enriquecedor e multifacetado. A pesquisa não apenas aplicou os princípios do Design Participativo na prática, mas também aprofundou a compreensão de suas implicações teóricas e sociais. A abordagem colaborativa permitiu a integração de conhecimentos diversos, resultando em soluções inovadoras e sustentáveis que geraram impactos positivos tanto no âmbito ambiental quanto no fortalecimento da autonomia e das habilidades dos participantes.

Conclui-se que o design participativo, ao incorporar estratégias sustentáveis e estimular a responsabilidade dos consumidores, pode contribuir para cultura de consumo mais consciente e para a construção de uma indústria da moda mais ética e alinhada às demandas contemporâneas. Os achados deste estudo fornecem subsídios para futuras pesquisas e iniciativas que busquem aprimorar os processos criativos sob perspectiva colaborativa e sustentável.

11 REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, M. H. M. **A Aventura (auto) biográfica: teoria e empiria.** Brasil, Edipucrs, 2004.
- BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Colin. **O estudo do consumo nas ciências sociais contemporâneas.** Cultura, consumo e identidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, p. 21-44, 2006.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo.** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BERLIM, Lilyan. **Moda, a possibilidade da leveza sustentável: tendências, surgimento de mercados justos e criadores responsáveis.** Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2009.
- BRAGA, João. **Reflexões sobre moda.** volume I. In: BRAGA, João; NUNES, Mônica (Colab.). São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2005.
- CALANCA, Daniela. **História social da moda.** São Paulo: SENAC São Paulo, 2008.
- CARVALHAL, André. **Moda com propósito: manifesto pela grande virada.** Editora Paralela, 2016.
- CIDREIRA, Renata Pitombo. **Os sentidos da moda.** São Paulo: Annablume, 2006.



CIETTA, Enrico. **A revolução do fast fashion**: estratégias e modelos organizativos para competir nas indústrias híbridas Tradução de Gláucia Britto e Kathia Castilho. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010.

FASHION REVOLUTION. **Fashion Revolution 2024**: O Impacto do Consumo Consciente. Disponível em: < <https://www.fashionrevolution.org>>. Acesso em: 3 dez. 2024.

FLETCHER, Kate; GROSE, Lynda. **Moda e sustentabilidade**: design para mudança. São Paulo: Senac São Paulo, 2011.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 8 nov. 2024.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ed. São Paulo: Atlas, 2009.

GODART, Frédéric. **Sociologia da Moda**. São Paulo: Senac, 2010.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2017.

LATOUR, Bruno. **Reassembling the Social**: An Introduction to Actor-Network Theory. Oxford: Oxford University Press, 2005.

LIBÂNEO, José Carlos. **Metodologia do trabalho científico**. 2. ed. São Paulo: Editora Loyola, 2006.

LIGHT, Anna; AKAMA, Yoko. **The Human Touch**: participatory practice and the role of facilitation in designing with communities. In: Participatory Design Conference, 12., 2012, Roskilde, Denmark. **Proceedings**. Roskilde: ACM Press, 2012. p. 61-70.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades modernas. Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

MANZINI, Ezio. **Políticas do cotidiano**. São Paulo: Blücher, 2023.

MANZINI Enzo; VILOZZI Carlo Arnaldo. **Desenvolvimento de produto sustentáveis**: os requisitos ambientais dos produtos industriais. São Paulo: universidade de são Paulo, 2016.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **A pesquisa qualitativa em ciência da linguagem**. São Paulo: Contexto, 2008.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MIRANDA, S. S; SANTOS, D. M; NORONHA, R. G. **Práticas Sustentáveis em Design Participativo**. São Paulo: Blucher, 2019.



MODEFICA; FGVCES; REGENERATE. **Fios da moda:** Perspectiva sistêmica para circularidade. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://loja.modefica.com.br/produto/publicacoes/fios-da-moda-perspectiva-sistemica-para-circularidade>. Acesso em: 14 jul. 2025.

NASSAR, Mariana. **O impacto ambiental no design de produtos:** A prática do *ecodesign*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2017.

NORONHA, R. **Design Participativo e Sustentabilidade:** Teorias e Práticas em Contextos Locais. São Luís: UFMA, 2021.

ONU NEWS. **Extração de água e impactos na biodiversidade.** Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2023/07/1816877>> Acesso em: 10 nov. 2023.

PAIZAN, D. C.; MELLAR, H. G. **Envolvendo os alunos no design de tecnologia educacional:** aprendendo com o design participativo. Estudos Linguísticos e Literários: saberes e expressões globais, Foz do Iguaçu, 2011.

PAZMINO, Ana Verónica. Uma reflexão sobre design social, eco design e design sustentável. **Simpósio Brasileiro de Design Sustentável**, v. 1, p. 1-4, 2007.

PISETTA, Ana Suelen; JÚNIOR, João Dolzan. EDUCAÇÃO PARA A SUSTENTABILIDADE: RELATO DO PROJETO MUSAS COLETIVO DE MODA. **Revista Transverso**, v. 1, n. 14, 2024.

RAMPAZZO, Lino. **Metodologia Científica:** para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

ROGERS, Yvonne; SHARP, Helen; PREECE, Jennifer. **Design de interação.** Bookman Editora, 2013.

ROSA, A. **Rede de governança ambiental na cidade de Curitiba e o papel das tecnologias de informação e comunicação.** Curitiba, 2007. Dissertação (Mestrado em Gestão Urbana) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2007. 194 p.

SOUZA, Maria da Conceição M. de. **O diário de campo como instrumento de pesquisa.** 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade, 2010.

SPINUZZI, Clay. **The methodology of participatory design.** *Technical Communication*, v. 52, n.º 2, p. 163-174, maio, 2005.

TAVARES, Raquel. **Slow, As Coisas Boas Levam Tempo.** Lisboa: Oficina do livro, 2017.

TACHIZAWA, T.; ANDRADE, R.O.B. de; **Gestão Socioambiental:** Estratégias na Nova Era da Sustentabilidade. 6ª ed. São Paulo: Elsevier-Campus, 2021.

WEETMAN, Catherine. **Economia Circular:** Conceitos e estratégias para fazer negócios de forma mais inteligente, sustentável e lucrativa; tradução Afonso Celso da Cunha Serra. 1ª edição. São Paulo: Autênci Business, 2019.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso:** Planejamento e métodos. Bookman editora, 2015.